

DOM QUIXOTE E CAPITÃO VITORINO: HERÓIS PROBLEMÁTICOS

DOM QUIXOTE AND CAPITÃO VITORINO: CONFLICTIVE HEROES

Aristóteles de Almeida *LACERDA NETO* (IFMA)

Resumo: Este trabalho expõe uma comparação dos protagonistas dos romances *Don Quijote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes, e *Fogo morto*, de José Lins do Rego, sob a categoria do herói problemático de Georg Lukács.

Palavras-chave: Dom Quixote. Fogo morto. Heróis. Lukács.

Abstract: This paper exposes a comparison between the protagonists of two novels: *Don Quijote de la Mancha*, by Miguel de Cervantes and *Fogo Morto*, by José Lins do Rego, upon the conflictive hero category, as proposed by Georg Lukács.

Keywords: Dom Quixote. Fogo morto. Heroes. Luckás

1. Proposição do artigo

O presente artigo constitui-se numa tentativa de leitura comparatista dos romances *Don Quijote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes, e *Fogo morto*, de José Lins do Rego. Baseando-nos na categoria do herói problemático, formulada por Georg Lukács, procuramos investigar a relação estabelecida entre os protagonistas de ambas as narrativas com o universo plasmado nelas, considerando, primeiramente, Dom Quixote, para então aprofundarmos a verificação acerca de capitão Vitorino. Após o estudo desses heróis, traçamos um paralelo, a fim de mostrar as ressonâncias quixotescas no cavaleiro nordestino, através de uma análise que revela as aproximações e os contrastes. Concluimos que a aplicação da teoria lukacsiana do idealismo abstrato ao romance de José Lins do Rego, mormente ao personagem capitão Vitorino, é perfeitamente possível. Ademais, o quixotismo – engendrado na configuração de Vitorino – ganha contornos peculiares em função da contextualização.

2. Quixote (des)encantado

Um dos maiores clássicos da literatura universal, *Don Quijote de la Mancha*¹, romance do escritor espanhol Miguel de Cervantes, composto de duas partes, apresenta a história de um fidalgo pobre, que mora num povoado da Mancha, e que, pela leitura excessiva de romances de cavalaria, acaba enlouquecendo. Seu desígnio, então, é restaurar a Idade de Ouro, época dos cavaleiros andantes. Ele crê piamente que é um deles, além de considerar que a matéria tratada nos livros de sua predileção constitui-se em verdade histórica, irrefutável. Cumpre salientar que a missão de Quixote revela-se impossível, pois não há mais respaldo na realidade para a efetivação de seu plano. Entretanto, esta inviabilidade não é enxergada pelo cavaleiro que sai em busca de aventuras. Sendo assim, fica configurado um descompasso entre o sentimento e o destino. É aqui que evocamos Georg Lukács.

O referido teórico, em *A teoria do romance*², estabelece uma tipologia romanesca fulcrada na ação dos personagens. Partindo da epopeia grega, em que o herói e o mundo estão em consonância, e ambos estão interligados pela presença das divindades, Lukács chega ao romance (a epopeia burguesa), que é marcado justamente pela ruptura entre o herói e o mundo, pela oposição entre indivíduo e sociedade.

Nesse *locus*, em que não há mais deuses povoando-o, o ser humano é entregue à sua própria sorte, o que ocasiona uma inadequação entre o ideal e o real. Diante disso, o herói romanesco é denominado de problemático. Com base nesse entendimento, ele distingue três espécies do romance ocidental até o século XIX: o idealismo abstrato, o romantismo da desilusão e o romance de educação (da maturidade viril).

Don Quijote é, segundo o próprio Lukács, a grande objetivação desse primeiro tipo de romance, pois conta com um herói problemático. Para se chegar à compreensão desse herói romanesco, faz-se imperioso apresentar a noção de demonismo: “O abandono do mundo por Deus revela-se na inadequação entre alma e obra, entre interioridade e aventura, na ausência de correspondência transcendental para os esforços humanos.”³

Em outros termos, demonismo seria o desejo do homem, que é imperfeito e limitado, em realizar seu ideal, num mundo decadente, em que não há mais espaço para a intervenção divina.

1 Miguel de Cervantes, *Don Quijote de la Mancha*. Edición del IV Centenario. Real Academia Española/Asociación de Academias de la Lengua Española. Edición y notas de Francisco Rico. (São Paulo: Alfaguara, 2004).

2 Georg Lukács, *A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo (São Paulo: Duas cidades; 34, 2000).

3 Georg Lukács, p. 99.

Nesse mundo, os homens podem fazer o que bem entenderem; todos possuem a mesma potencialidade para tentarem realizar as suas metas divinas, os seus projetos, porém seus atos serão mera contingência, não havendo, portanto, um caráter de superioridade, o que pode levar a um encolhimento da alma.

O herói do idealismo abstrato é aquele, precisamente, que se caracteriza pelo demonismo do estreitamento da alma, isto é:

(...) a alma é algo que repousa, para além dos problemas, na existência transcendente por ela atingida; nenhuma dúvida, nenhuma busca, nenhum desespero pode nela surgir a fim de arrancá-la para fora de si e pô-la em movimento, e os combates inutilmente grotescos por sua realização no mundo exterior tampouco podem afetá-la: em sua certeza nada a pode abalar, mas isso somente porque ela está enclausurada nesse mundo seguro, porque é incapaz de vivenciar seja lá o que for. A absoluta ausência de uma problemática internamente vivida transforma a alma em pura atividade (...) A vida de semelhante homem, portanto, tem de tornar-se uma série ininterrupta de aventuras escolhidas por ele próprio.⁴

Essa passagem sublinha os traços que dão forma ao personagem do idealismo abstrato. Este é um ser fissurado, pois revela uma inadequação patente entre interioridade e objetividade. É um herói que estabelece uma relação de conflito com o mundo. A sua consciência torna-se estreita em oposição à complexidade do mundo, e assim, suas ideias tornam-se fixas, não conseguindo avaliar criticamente seus atos, nem aprender com a experiência. Essa falta de ponderação faz desse tipo um herói que predominantemente age, logo, em contrapartida, pouco pensa. Como o referido cria uma realidade e projeta nela seus pensamentos, fechando-se neles, institui uma atmosfera segura que contribui diretamente para que esteja permanentemente em atividade, constituindo-se num aventureiro insaciável, sempre em busca de situações, que acabam se tornando grotescamente cômicas, devido à falta de planejamento, reflexão. Em síntese, esse herói é um louco.

Os traços citados acima correspondem à caracterização de Dom Quixote, conforme observamos, por exemplo, numa das aventuras mais conhecidas do cavaleiro da Mancha, a batalha contra os moinhos de vento⁵, inserida na segunda saída de Quixote. Nesse embate, temos claramente o alerta de Sancho Pança (o escudeiro) ao seu amo. Porém, este, convicto de que sua visão era a correta, parte para o combate. O resultado foi desastroso: a sua lança esfacelada e o cavaleiro e sua montaria rodando pelo campo. Em face do exposto, identificamos em Dom Quixote uma inadequação entre a sua ideia e a realidade.

4 Georg Lukács, p. 102.

5 Miguel de Cervantes, p. 75.

Apesar da situação adversa, o herói continua imune à dureza do ocorrido e certo de que a batalha se dera contra gigantes⁶. A responsabilidade pela sua derrota é fruto do encantamento de Frestão, o próprio que, no entendimento de Quixote foi o responsável pela queima dos seus livros. Destarte, na percepção do cavaleiro, os gigantes é que foram transformados em moinhos de vento, e não o contrário. A ilusão é realidade. A alma repousa incólume; diante disso, Dom Quixote não para e anseia por mais ação, afinal, nada o abala. Não é à toa que se vê metido em outra aventura, desta feita a dos biscainhos.

Verifiquemos o seguinte trecho do romance cervantino:

(...) Quiero decir, señor bachiller de mi ánima, que quiere salir otra vez, que con ésta será la tercera, a buscar por ese mundo lo que él llama venturas, que yo no puedo entender cómo les da este nombre. La vez primera nos le volvieron atravesado sobre un jumento, molido a palos. La segunda vino en un carro de bueyes, metido y encerrado en una jaula, adonde él se daba a entender que estaba encantado; y venía tal el triste, que no le conociera la madre que le parió, flaco, amarillo, los ojos hundidos en los últimos camaranchones del cerebro, que para haberle de volver algún tanto en sí gasté más de seiscientos huevos, como lo sabe Dios y todo el mundo, y mis gallinas, que no me dejarán mentir.⁷

Esse excerto apresenta-nos a preocupação da ama de Dom Quixote, relatada ao bacharel acerca da iminente saída do cavaleiro andante. É de se observar que a ama faz uma retrospectiva das duas saídas do seu senhor, apontando os problemas daí decorrentes. Tais referências denotam, na verdade, uma incompreensão acerca da postura de Dom Quixote. Aqui, fica explícito o caráter ativo do personagem, que, mal convalescera, já quer voltar às andanças, às aventuras, ou melhor, às desventuras. O supracitado caráter é delineado claramente por Lukács como um aspecto do herói do idealismo abstrato.

Sob a ótica de Ian Watt: “há [...] uma contínua dialética entre a mente do Quixote e as realidades com as quais ele vai se confrontando; uma dialética geradora de infinita variedade e complexidade (...)”⁸ Ora, essa afirmação está em consonância com a conceituação apresentada por Lukács de herói problemático, sob a face do demonismo do estreitamento da alma, que é o idealismo abstrato, em última instância. Os excertos citados anteriormente, bem como as considerações sobre os mesmos, vêm a confirmar isso. Ian Watt encara ainda Dom Quixote como um herói que recebe os influxos das novelas cavalheirescas, especialmente no que concerne à honra, à idealização do amor, às armas, ao nome, à necessidade de fama.

6 Miguel de Cervantes, p. 76.

7 Miguel de Cervantes, p. 594.

8 Ian Watt, *Mitos do individualismo moderno*: Fausto, Dom Quixote, Dom Juan, Robinson Crusoe. Trad. Mario Pontes (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997), p. 64.

Todavía, é relevante dizer que, ao estabelecer esse paralelo, o crítico toca num ponto crucial, que é o de associar a ação individual ao cavaleiro andante. Em face disso, Dom Quixote e, por conseguinte, o herói romanesco – que por essência não é modelar – são tipos de heróis que não representam uma coletividade (diferentemente dos da epopeia e da tragédia, afinal, o que acontece com eles repercute para a comunidade). Para ilustrar, ponderemos acerca do seguinte fragmento textual:

Al salir de Barcelona, volvió don Quijote a mirar el sitio donde había caído y dijo:

– ¡Aquí fue Troya! ¡Aquí mi desdicha, y no mi cobardía, se llevó mis alcanzadas glorias, aquí usó la fortuna conmigo de sus vueltas y revueltas, aquí se escurecieron mis hazañas, aquí finalmente cayó mi ventura para jamás levantarse!⁹

Aqui, temos a cena em que Dom Quixote está deixando Barcelona, após ter sido derrotado pelo Cavaleiro da Branca Lua (Sansão Carrasco), que o fez jurar que durante um ano não pegaria em armas. A fala do cavaleiro da Mancha é bastante esclarecedora no que se refere a sua não representatividade de uma comunidade. Basta fazermos um apanhado dos pronomes que integram a sua lamentação, que em sua grande maioria são de primeira pessoa (minha, me, eu), indicando o âmbito restrito dos efeitos da adversidade, ou seja, o raio de alcance é o próprio Dom Quixote.

Ao passo que o protagonista do romance espanhol afasta-se do herói clássico nesse tópico, ele não deixa de manter um liame, o de estabelecer um vínculo praticamente indissolúvel com suas armas, já que elas são um símbolo do caráter belicoso do guerreiro. Isso fica comprovado ao longo do texto, mas é no final que ganha contornos mais precisos. Sem elas, Dom Quixote humilhado e pisoteado literalmente (episódio dos porcos¹⁰), renunciando à condição de cavaleiro andante, vai sucumbir à realidade e constatar que a verdade literária não é a verdade histórica: os romances de cavalaria não passam de mentira.

3. O quixotismo em Capitão Vitorino

*Fogo morto*¹¹, publicado em 1943, é considerado a obra-prima de José Lins do Rego, este um dos maiores representantes do regionalismo. Esse livro, que se enquadra no “Ciclo da Cana-de-açúcar”, possui três partes justapostas, que são baseadas nos protagonistas: a primeira,

9 Miguel de Cervantes, p. 1054.

10 Miguel de Cervantes, p. 1066.

11 José Lins do Rego, *Fogo morto*. 57. ed. (Rio de Janeiro: José Olympio, 2002).

denominada “O mestre José Amaro”, apresenta o seleiro; a segunda, intitulada de “O engenho de Seu Lula”, ressalta o senhor de engenho decadente, coronel Lula de Holanda; já a última, “O capitão Vitorino”, sublinha os conflitos do Capitão Vitorino Carneiro da Cunha, vulgarmente chamado de Papa-Rabo. É sobre esse último personagem que incidiremos nossa análise, trabalhando o conceito de idealismo abstrato.

A caracterização feita por Georg Lukács do idealismo abstrato pode ser observada indubitavelmente no romance e personagem escolhidos para a análise textual, conforme observamos na passagem a seguir:

Aquele velho era como se fosse uma criança grande, um menino levado dos diabos. No fundo, naquele instante, ele admirava Vitorino. Vitorino dizia tudo o que ele desejava dizer. Tudo que lhe ia na alma sobre os grandes da terra era o que aquele velho desbocado gritava aos quatro ventos, na cara dos poderosos.¹²

Aqui, para o mestre, Vitorino é um referencial de destemor, pois o mesmo não se rebaixa frente aos poderosos da terra. Vale salientar, neste momento, o contexto social e político. Pilar é uma cidade da Várzea, estado da Paraíba, cuja atividade principal é a produção de açúcar. O poder político está concentrado nas mãos dos senhores de engenho, dos que detêm dinheiro. Quando da ocasião dessa consciência pelo seleiro, Vitorino havia sofrido uma agressão por atacar com palavras o major Quinca Napoleão. O ato do capitão, que busca a correção da injustiça (ideal de justiça), afronta o poder estabelecido, numa verdadeira inadequação a sua realidade. Destarte, se aproxima bastante do que Lukács demonstra. Ou seja, a tonalidade da loucura do Capitão Vitorino configura-se de forma consentânea com o contexto esculpido no universo particular do romance. No entanto, a incompatibilidade deste, expressa pela ação, reveste-se de semelhanças com as de Quixote (espírito aventureiro, “irreflexibilidade”, coragem, feição cômica, “irrepresentatividade”). Tais características constituem a perspectiva lukacsiana do demonismo do estreitamento da alma, que marca o idealismo abstrato¹³.

Verifiquemos mais um trecho:

– **Minha velha, amanhã tenho que ganhar os campos. Não sou marica para ficar dentro de casa. As eleições estão aí e nestes últimos dias nada tenho feito.** Vou dar uma queda no José Paulino que vai ser um estouro.

– Vitorino, eu te acho muito machucado.

– Não tenho mais nada. Você não viu o compadre e o cego como estavam andando? Apanharam muito e não ficaram de papo pro ar numa rede como

12 José Lins do Rego, p. 107-108.

13 Georg Lukács, p. 100-102.

mulher parida. Um homem que se preza não deve se entregar. **Vou para a cabala, amanhã, na feira de Serrinha. Quero olhar para a cara de Manuel Ferreira.** Este cachorro vive na Serrinha roubando o povo com parte de que é deputado. É outra safadeza de José Paulino, deixar que vá para a Assembléia do estado um tipo como Manuel Ferreira. Boto abaixo tudo isto.¹⁴

Esse trecho apresenta-nos o diálogo entre o Capitão Vitorino e sua esposa Adriana, que ocorre após o último incidente daquele com a força policial, leia-se, tenente Maurício. Fica patente, principalmente, na parte grifada, o caráter ativo do personagem, que, mal convalescera, já quer voltar às andanças, às atividades políticas. O supracitado caráter é delineado claramente pelo teórico como um aspecto do herói do idealismo abstrato.

Conforme o crítico José Maurício Gomes de Almeida, capitão Vitorino é “em sua meia-loucura generosa de perpétuo andarilho [...], uma espécie de D. Quixote sertanejo sempre em busca de agravos a desfazer, de injustiças a corrigir.”¹⁵ Ora, essa afirmação está em consonância com a conceituação apresentada por Lukács. Este, no seu ensaio sobre o idealismo abstrato, toma como referência para configurar a categoria, justamente Dom Quixote, personagem do livro homônimo, de Miguel de Cervantes, indicando-o como representante maior dessa tipologia. Para Lukács, tal herói problemático Os trechos citados anteriormente, bem como as considerações sobre os aludidos, vêm a confirmar isso.

Para ficar mais explícito, ponderemos acerca da cena¹⁶ em que Vitorino patrocina a causa do cego Torquato, do Mestre José Amaro e do negro José Passarinho, presos e torturados pela polícia de forma arbitrária. O capitão, então, impetra um *habeas-corpus* para restaurar a liberdade dos apenados. O juiz concede a soltura, e Vitorino comemora sua vitória pessoal e parcial, já que não será acatada a ordem judicial. A liberdade, inclusive a dele, será dada somente pela intromissão do coronel José Paulino.

Vitorino choca-se com o aparelho repressor do Estado, numa época em que os desmandos são comuns, sem temê-lo. Assim, lutando por justiça e, claro, pelos amigos, comete uma aparente loucura, principalmente quando o opositor é um dos homens mais temidos, o tenente Maurício.

14 José Lins do Rego, p. 400, grifo nosso.

15 ALMEIDA, José Maurício Gomes de. *A tradição regionalista no romance brasileiro (1857-1945)* (Rio de Janeiro: Achiamé, 1981), p. 200.

16 José Lins do Rego, p. 380-381.

4. O cavaleiro da Mancha e o cavaleiro do Pilar: heróis em conflito

A plausibilidade da aplicação do conceito de idealismo abstrato no estudo do herói capitão Vitorino, um dos protagonistas de *Fogo morto*, de José Lins do Rego, viabiliza a comparação com o protagonista do texto cervantino *Don Quijote de la Mancha*, ou seja, Dom Quixote, haja vista que este é o parâmetro da tipologia lukacsiana. Na base dessa incursão comparatista encontra-se o engendramento da problematidade que caracteriza os romances em questão. Ambos os textos desnudam a situação do indivíduo perante a sociedade e o conflito que se instaura a partir dessa relação.

A inadequação do herói cervantino com o seu mundo processa-se através da tentativa de implantar em seu meio os valores plasmados nos romances cavaleirescos, confundindo assim realidade e fantasia. Para efetivar o seu ideal, assume a condição de cavaleiro andante. O anacronismo de Dom Quixote está materializado fundamentalmente na armadura e nas armas. Complementando essa imagem destoante, apontamos a sua montaria e o nome que incorpora. Os ecos de tal configuração redundam em gestos e discursos também dissonantes, já que são robustecidos pelas reminiscências dos heróis que povoam o universo da literatura de cavalaria, causando espanto e graça, simultaneamente.

O protótipo do cavaleiro, como é sabido, realiza-se na ação, que está alicerçada em um ideal grandioso. Dom Quixote abraça a sua causa (pelo menos em sua ótica, meritória), e lança-se no mundo em busca de aventuras. Castelos, cavaleiros, damas, gigantes e seres encantados são inverossímeis, isto é, não reúnem condições de existência na realidade efetiva da Mancha, região das mais pobres e secas da Espanha. Os obstáculos que espera encontrar, a fim de mostrar o seu valor, não estão a sua altura. Então se depara com um quadro impróprio para sua empreitada. A batalha intrépida contra inimigos grandiosos e a correção de injustiças têm que se submeter à reformulação de sua mente, para que possam acontecer. Como cavaleiro do irrealismo, erige seu mundo. Desse modo, a alma estreita, incapaz de apreender os fatos como ocorrem, por conta da inflexível mentalidade voltada para a concretização do ideal, e, por extensão, inapta para aprender com a experiência concreta, gera situações inusitadas. Daí a ação resultante, apesar de pautada em princípios elevados, atingir somente a cópia distorcida da realidade. Mesmo assim, a coragem, o destemor, a certeza da verdade e a justeza de seu proceder incitam-no a continuamente envolver-se em aventuras.

A caracterização do quixotismo – delineada acima – ressoa na estruturação do personagem de José Lins do Rego: capitão Vitorino. Antonio Candido afirma que o capitão

Vitorino é uma perfeita transposição do herói cervantino¹⁷. Seguindo o mesmo pensamento, encontramos José Maurício Gomes de Almeida, que, como já vimos, concebe o herói de *Fogo morto* como uma espécie de Dom Quixote sertanejo. Outrossim, Eduardo F. Coutinho vislumbra Vitorino como um personagem quixotesco. A exemplo dos críticos acima citados, identificamos também outros que não aprofundam a questão, deixando “indeterminado” o vínculo existente ente capitão Vitorino e Dom Quixote. Visando preencher esta lacuna, passamos a determinar esse elo.

O cavaleiro da Várzea, assim como o da Triste Figura, desencadeia uma demanda obsessiva e essencialmente utópica. Com a montaria e os seus paramentos (fraque ou paletó, tabica e punhal), aliados à patente e ao orgulho do nome, que simbolizam a concreção de sua inadaptação ao meio em que vive, imprime ações e se envolve em aventuras que expressam o seu inconformismo contra a opressão exercida pelos poderosos. Embora pareça paradoxal – afinal, orgulha-se da patente e do nome de família, maltrata a mulher (chamando-a de vaca velha), e considera que o negro é inferior (*exempli gratia*, o tratamento que invariavelmente confere a negro Passarinho¹⁸) –, sua atitude corajosa é espelho da vontade de todos que são oprimidos, mas que estão presos às amarras quer seja por conta do medo, quer seja pela completa asfixia em que vivem, o que impede o protesto, a revolta, deixando-os indefesos e praticamente sem opção e imóveis, assim resignando-se ou torcendo para que alguém se lance contra o sistema. Capitão Vitorino, movido pela obsessão democrática e convicto de que a mudança é possível, entra em rota de colisão com a realidade através da militância política e da atuação como cavaleiro da verdade e da justiça, advogando a causa dos necessitados.

À medida que capitão Vitorino expõe as vicissitudes impostas pela degradação do seu cosmos, mais precisamente pela situação de opressão infligida aos indivíduos, com a denúncia por intermédio de bravatas, de gritos, enfim, da sua ação, transmuta a opinião dos que o cercam, mormente os que sofrem, aproxima-se da caracterização de Quixote, segundo a ótica lukacsiana. Desvelado o condicionamento dialético do mundo degradado, as ações reflexamente degradadas de Vitorino padecem de respaldo lógico, o que implica uma interpretação predominantemente cômica pelos demais personagens. A incompreensão da postura “quixotesco-vitorinina” oblitera a grandiosidade da busca pretendida e empreendida,

17 “Disse o Sr. Édison Carneiro que ele é um “D. Quixote rural”. Com efeito o capitão é uma perfeita transposição do herói de Cervantes” (Antonio Candido, “Um romancista em decadência”, Eduardo Coutinho e Ângela Bezerra Castro (ed.). *José Lins do Rego* (Rio de Janeiro; João Pessoa: Civilização Brasileira; FUNESC, 1991), p. 395.

18 Em conversa com o mestre Amaro, Vitorino fica sabendo que o negro Passarinho está morando com o seu compadre e emite o seguinte juízo de valor: “– Como é que se tem um negro deste dentro de casa, meu compadre? É mesmo que morar com um porco.” (José Lins do Rego, p. 310).

especialmente na perspectiva dos coronéis, dos senhores de engenho. Evidentemente, a atmosfera sustida pelo herói filtra o olhar alheio, não sofrendo abalo. A zombaria feita por crianças e adultos, manifestada sobretudo na chacota da figura de Vitorino, pela denominação de Papa-Rabo, por exemplo, constitui-se numa prova disso.¹⁹

Concernentemente ao riso como sinal da inadequação do herói ao seu universo, que perpassa a narrativa de José Lins, destacamos que isto ocorre de forma semelhante no texto de Miguel de Cervantes. Como exemplo, citamos o episódio em que Dom Quixote envolve-se em mais uma desventura, pensando em libertar uma dama principal, vai ao encontro de alguns penitentes que rogam para a providência divina o envio de chuvas. Vale salientar que a dama enxergada é de fato uma imagem da Virgem Maria, coberta de luto.²⁰

Tal aventura oferece-nos uma amostra da loucura do herói e a falta de conexão entre a sua ideia e a exterioridade. O julgamento das pessoas é expresso com o riso, com a galhofa. Dom Quixote frente ao achincalhe inflama-se e parte para o confronto. No entanto, o resultado é geralmente adverso. Como desfecho, o nocaute do anti-herói. Note-se que Vitorino sofre dentro do seu contexto algo parecido: na tentativa de responder à chacota, acaba tropeçando e tomba ao chão.

Reforçando os laços existentes entre capitão Vitorino e Dom Quixote, remontamos ao caso em que o cavaleiro manchego é alvo da graça das crianças.²¹ A brincadeira das crianças explicita ainda mais a figura ridícula do herói e seu escudeiro. A despeito da celebração promovida com a chegada anunciada do verdadeiro e famoso Dom Quixote de la Mancha, não o apócrifo, a Barcelona, temos este espetáculo da sua degradação.

A mania persecutória marca sobremaneira os heróis do idealismo abstrato, por causa da monomania²². Vitorino atribui a qualquer acontecimento desfavorável uma conotação política. Defendendo a candidatura do coronel Rego Barros, homem que não está no poder, logo, situado na esfera da oposição, e na condição de seu partidário, considera-se igualmente como homem de oposição. A interpretação, *e. g.* para a chacota dos moleques, dada pela mente do capitão, está fincada justamente na tese de perseguição política. Como sabemos, é mais uma posição utópica²³. O acontecimento está desprovido de uma significação político-eleitoral: Vitorino é motivo de gozação pelo seu aspecto ridículo e não aceita a afronta originada seja de quem for.

19 José Lins do Rego, p. 72.

20 Miguel de Cervantes, p. 523-526.

21 Miguel de Cervantes, p. 1020.

22 Georg Lukács, p. 101.

23 José Lins do Rego, p. 72.

A insistência do cavaleiro do Pilar na argumentação política, por seu turno, está consoante com as suas convicções. Os fatos ganham os contornos que seu deslumbramento demoníaco pincela.²⁴

A distorção desenhada pela consciência exagerada de que é um homem que pelo seu posicionamento político, ou seja, como opositor e crítico dos atuais mandatários do Pilar e da Paraíba, que chega no limiar do delírio, tem seu ápice na prisão por desacato à autoridade – leia-se tenente Maurício. Vitorino é remetido à Capital na qualidade de prisioneiro. Tal fato repercute na imprensa e o capitão faz publicar a sua versão do incidente. A fama alcançada com a matéria jornalística potencializa a sua ação e militância em terras da Várzea.

A perseguição política para o capitão Vitorino está para a perseguição dos seres encantados que obstaculizam a ação de Dom Quixote: os nigromantes. São a eles que o Cavaleiro dos Leões imputa a responsabilidade pelo sumiço da sua biblioteca, por exemplo.

A insurreição contra os poderes estabelecidos e a consequente dominação, prepotência, exploração e corrupção advindas desse exercício de mando, traduzida na força exercida pelos coronéis (e, por conseguinte, na posse de terras e bens), a brutalidade do aparelho repressor do Estado, sob os auspícios dos proprietários de terra e a presença marcante do poder paralelo a cabo do cangaço, sintetizada na pessoa do capitão Antônio Silvino, são uma prova inquestionável da ruptura que o cavaleiro do Pilar maquina, escudada na coragem que o impele. Esse é um retrato da realidade flagrada no romance: o universo de decadência socioeconômica, sustentada nos vestígios do patriarcalismo e de práticas mercantis atrasadas face ao avanço de uma nova ordem capitalista, calcada na emergência dos valores burgueses.²⁵ Os inimigos que Vitorino cria, pois os “opponentes” encaram-no verdadeiramente como um bobo, um bufão, um ser em doídice inocente e pueril, representam “moinhos de granito”, de estruturas sólidas, inabaláveis.²⁶ Ademais, os homens com quem peleja são gigantes, dotados de poderes temporais, e contra os quais não sente qualquer medo. A sua figura avulta diante do oponente. Entretanto, da mesma maneira que Dom Quixote enfrenta, por exemplo, os moinhos de vento, tomando-os por gigantes, em batalha desigual, não logra êxito pleno, porquanto atinge unicamente o mundo reformulado e não o cerne do mundo exterior.

24 Georg Lukács, p. 102.

25 Cf. Eduardo F. Coutinho, “A relação arte/realidade em *Fogo Morto*”, Eduardo Coutinho e Ângela Bezerra Castro (ed.). *José Lins do Rego* (Rio de Janeiro; João Pessoa: Civilização Brasileira; FUNESC, 1991), p. 432.

26 Cf. Edda Arzúa Ferreira, *Integração de perspectivas: contribuição para uma análise das personagens de ficção* (Rio de Janeiro: Cátedra, 1975), p. 85.

Para ilustrar a comparação, fazemos menção ao episódio do cabreiro. Só para recordar, nele Dom Quixote tenta convencer o patrão a suspender a sova que aplica em seu empregado. Fazendo-o jurar com base nos valores em que acredita, Dom Quixote imagina ter resolvido o imbróglio. Porém, o homem rico, logo que o cavaleiro satisfeito com o papel desempenhado deixa a cena do açoite, descumpra a promessa e castiga com mais furor o cabreiro.

No que respeita a Vitorino, inúmeras, também, são as situações em que a atitude reverbera exclusivamente na subjetividade. Mencionamos aqui a embaixada do capitão junto ao coronel Lula de Holanda, objetivando garantir a permanência do compadre nas terras do Santa Fé. A defesa do causídico apenas tem sucesso em sua ideia: o sustentáculo da permanência do seleiro está sediado na ameaça do capitão Antônio Silvino.

Capitão Vitorino e Dom Quixote atuam ancorados em um ideal de justiça. A concepção que possuem confronta-se com a estabelecida. Os dois heróis lutam pela libertação de condenados. O embate do qual participam é a expressão da transgressão à ordem vigente. Destarte, uma faceta da loucura.

Quixote visualiza um conjunto de doze homens algemados (cadeia de galeotes). Na sua visão, tais desditados são levados contra a vontade, portanto, estão sendo compelidos a tanto, o que constitui uma violência. Ante tal situação de opressão, o Cavaleiro dos Leões exige a liberdade para os acorrentados. Como não é ouvido e, ainda por cima, vilipendiado, arremete contra os dos guardas do rei, gerando uma confusão que redundava com a consecução do desejo: os condenados ficam livres.

Por sua vez, Vitorino depara-se com a prisão de seu compadre, mestre José Amaro, do cego Torquato e do negro Passarinho. Os protestos do capitão culminam com o requerimento que faz ao juiz através de uma ordem de *habeas-corpus*, com a finalidade de reverter a arbitrariedade impingida aos três homens: “E na sala do juiz, com a sua letra trêmula, devagar, parando de quando em vez, como se estivesse numa caminhada de léguas, escrevia o capitão Vitorino as palavras que pediam liberdade para os pobres.”²⁷ O meio para a efetivação da justiça, usado pelo defensor dos oprimidos, revela-se estéril. Vitorino acaba também na cadeia. Apenas sendo solto mais tarde (bastante ferido), juntamente com os seus constituintes, em decorrência da intervenção do coronel José Paulino – muito embora credite a libertação deles ao *habeas-corpus* que impetrara.

As condutas dos heróis identificam-se com um sentimento de justiça absoluta. Para a concreção de tal sentimento são capazes de desafiar a razão, conflitando-se com o poder de

27 José Lins do Rego, p. 379.

polícia. Os remédios jurídicos (a força, para o primeiro, e a petição, para o segundo) divergem. Os fins, porém, são os mesmos: promover a liberdade e restabelecer, assim, a própria justiça. As consequências dessa ação libertadora são muito próximas. Dom Quixote só não chega a ser preso, o que ocorre graças à intercessão do cura que convence a Santa Irmandade de que o “delinquente” trata-se de um desajuizado.²⁸

Em contraposição, contudo, está o balanço das ações:

Viéndose tan malparado don Quijote, dijo a su escudero:

– Siempre, Sancho, lo he oído decir, que el hacer bien a villanos es echar agua en la mar. Si yo hubiera creído lo que me dijiste, yo hubiera excusado esta pesadumbre; pero ya está hecho: paciencia, y escarmentar para desde aquí adelante.²⁹

Este trecho é deveras contundente: o fidalgo avalia a libertação dos galeotes como decepcionante. De tal aventura, Quixote sai ultrajado, apedrejado e roubado por aqueles que ajudara a libertar. Malgrado o (in)sucesso dessa ação, Dom Quixote coloca-se de prontidão, esperando encontrar alguma aventura estranha.

Para o capitão Vitorino a causa assumida é fonte de orgulho. No episódio, além de mostrar a sua coragem, recebe o reconhecimento e o agradecimento dos pobres pela defesa feita. Por isso: “Ninguém no mundo poderia com ele.”³⁰ “Que lhe importava a violência do tenente Maurício? O que valia era a petição que, com a sua letra, com a sua assinatura, botara para a rua três homens inocentes.”³¹ Cumprе ressaltar que o êxito do “advogado” carece totalmente de amparo na realidade, restringindo-se somente ao seu entendimento.

Como corolário de tais ponderações, podemos asseverar que a vitória, o triunfo, tem um caráter de impossibilidade para esses heróis do idealismo abstrato. No máximo o que conseguem é uma falsa sensação de triunfo, o que diversamente ocorre na epopeia³². Nela, os heróis são guiados para a vitória, tendo em vista a proteção e a ampliação de forças que lhes são dadas pelas divindades. Sem esse amparo, aqueles ficam indefesos e impotentes face aos inimigos “superiores”.

O anátema do personagem romanesco está justamente na perda do sentido de distância, impulsionada pela ausência de problemática interna. Sem contar que a inexistência do apoio dos deuses deixa-o em desvantagem diante dos óbices que se lhes apresentam. Desamparado e irrefletidamente agindo, sem ter a noção precisa de sua inferioridade (diante de gigantes que são moinhos de vento ou de granito), e buscando expungar os inimigos, o herói extático torna

28 Miguel de Cervantes, p. 474.

29 Miguel de Cervantes, p. 211.

30 José Lins do Rego, p. 393.

31 José Lins do Rego, p. 395-396.

32 Cf. Georg Lukács, p. 100.

mais estreito o mundo do que é realmente. Daí as contendas inutilmente grotescas realizadas no substrato de suas ações revelarem-se engraçadas. Figurativizando, aludimos ao episódio dos odres de vinho. Em tal oportunidade, Dom Quixote encontra-se em combate onírico, travado com algum gigante: “que fue tan intensa la imaginación de la aventura que iba a fenecer, que le hizo soñar que ya había llegado al reino de Micomicón y que ya estaba en la pelea con su enemigo; y había dado tantas cuchilladas en los cueros, creyendo que las daba en el gigante, que todo el aposento estaba lleno de vino.”³³

Já “desperto”, Quixote supõe ter liquidado o gigante (na verdade, cortando os odres de vinho tinto com sua espada). Assim, devolve a paz para a Princesa Micomicona³⁴, cumprindo o seu mister.

Referentemente a Vitorino, consideramos novamente a sua “vitória” nas barras dos tribunais, em que utiliza o *habeas-corpus*. A ilusão do triunfo do cavaleiro da justiça está na ideia de que o uso desse instrumento, pelos trâmites legais, é um meio eficaz para a libertação dos presos.

O desacordo das ações de Quixote e de Vitorino traz consequências diretas só para os heróis (no caso do romance de Cervantes, inclui-se aí, por vezes, Sancho Pança, o escudeiro), o que denota a sua falta de representatividade. Em face disso, as aventuras eleitas encontram sentido e substância apenas em sua alma.

As aventuras perdem relativamente o significado heroico, já que perdem a espontaneidade e a dimensão épica, isto é, a tônica da consubstancialidade inextrincável do representante do povo e sua comunidade. Elas têm que ser escolhidas (ou forjadas) pelo anti-herói, afinal a sua vida “só pode ser o mesmo que fazer frente a aventuras.”³⁵

Por outro lado, a contínua maquinação demoníaca do idealismo abstrato é típica da alma aventureira. Então, no primeiro sinal de inércia, o herói agita-se, almejando livrar-se do imobilismo. O caráter dinâmico é, portanto, um traço peculiar. Exemplificando, fazemos menção ao desgaste da saúde de Dom Quixote antes de sua última saída, de acordo com a avaliação de sua ama: “y venía tal el triste, que no le conociera la madre que le parió, flaco, amarillo, los ojos hundidos en los últimos camaranchones del cerebro”³⁶. A despeito dessa situação, o herói mantém a vontade de ganhar o mundo. A insistência em sair, é sinalizada com

33 Miguel de Cervantes, p. 367.

34 Trata-se de Doroteia, que assume tal papel para tirar Dom Quixote da Serra Morena, local onde o cavaleiro está realizando uma penitência, nos mesmos moldes de Amadis de Gaula. O artifício do cura e do barbeiro, amigos do fidalgo, tem como fim fazer com que o ensandecido retorne para a sua casa.

35 Georg Lukács, p. 102.

36 Miguel de Cervantes, p. 594.

o “planejamento” da nova investida. Bastante fragilizado, volta a se aventurar. Em *Fogo morto*, lembramos a situação de Vitorino, após a segunda prisão. O vigor dado pela monomania impressiona, pois ainda em convalescença afirma: “– Minha velha, amanhã tenho que ganhar os campos. Não sou marica para ficar dentro de casa. As eleições estão aí e nestes últimos dias nada tenho feito.”³⁷

Inobstante a tudo isso, gostaríamos de apresentar uma ressalva quanto à designação de Dom Quixote aventada pela crítica em relação ao capitão Vitorino. Dom Quixote, como sabemos, tem em comum com o capitão Vitorino a inadequação com as convenções da realidade, o espírito aventureiro e idealista; entretanto, o primeiro é nostálgico, espera reimplantar a Idade de Ouro³⁸, enquanto que o segundo possui um projeto político para Pilar, em que não haveria “tolerância para com sujeitos safados, que só queriam comer no cocho da municipalidade”, “não haveria ladrões, fiscais de feira roubando o povo”, “Tudo andaria na correta, na decência”, “não haveria tenente Maurício que fizesse arruaça”, “Todos pagariam impostos”, “a vila do Pilar teria calçamento, cemitério novo, jardim, tudo que Itabaiana tinha com o novo prefeito.”³⁹ Para Vitorino, a oligarquia cederia lugar à democracia. O retrocesso daria lugar ao avanço.

Metonimicamente, indicando a nostalgia do primeiro, fazemos referência ao elmo. O capacete que o cavaleiro aspira é uma reluzente bacia de barbeiro. Todavia, ele acredita ser o famoso elmo dourado, que pertenceu ao rei mulçumano chamado Mambrino. Este o utilizou em lides importantes, até perdê-lo para o seu algoz. O elmo consiste em um prêmio conquistado pela vitória na lide. A antecedência grandiosa do elmo inflama a vontade de Dom Quixote de possuir e também usar a relíquia⁴⁰.

Já para as aspirações prospectivas do segundo, evidenciamos como símbolo o gramofone: “A casa de Vitorino criara vida **nova**. O filho trouxera muitas **novidades**. Um gramofone tirava dobrados, valsas, cantorias. **Vinha gente de longe para ouvir a máquina se esgoelando na paz do sítio**”⁴¹ (grifos nossos). O presente do filho é um reflexo da dissonância do próprio capitão na realidade atrasada em que vive. É interessante perceber que os vocábulos “nova” e “novidade” corroboram com o perfil reformista de Vitorino. Outro tópico importante diz

37 José Lins do Rego, p. 400.

38 Tal período corresponde ao que concebemos atualmente como Idade Média.

39 José Lins do Rego, p. 397-398.

40 Cf. César Vidal. *Enciclopedia del Quijote* (Barcelona: Planeta, 1999), p. 347.

41 José Lins do Rego, p. 340.

respeito à identificação de Vitorino com a máquina: ambos emitem um som estridente e são um atrativo, um espetáculo para as pessoas simples do Pilar, notadamente para os meninos⁴².

Aparentemente, os desenlaces das narrativas *Fogo morto* e *Don Quijote de la Mancha* demonstram aspectos contrastantes. No primeiro, o herói, em detrimento do aniquilamento dos outros protagonistas (afinal o mestre José Amaro suicida-se e o coronel Lula de Holanda simbolicamente está de “fogo morto”, assim como o Santa Fé, engenho de sua propriedade), projeta seus pensamentos na realidade, assenhoreando-se do mundo e vislumbrando a sua glória. Já no segundo, o cavaleiro participa de sua última aventura, ou seja, a morte.

Contudo, o contraste, sob o ângulo da configuração dos personagens, desfaz-se, pois na essência os heróis cumprem o seu destino, sendo fiéis aos princípios que norteiam suas vidas. Por isso, o capitão Vitorino, ao construir o mundo através das projeções da sua mente, age conforme a sua ideia fixa. Por seu turno, Dom Quixote, com a sua morte, procede de acordo com os ditames do seu ideal cavaleiresco, já que, impedido de pegar em armas, envolve-se no desafio derradeiro.

Dom Quixote, consoante a leitura de Lukács, mostra-se paradigmático para a constituição do idealismo abstrato, pois empreende uma busca de valores autênticos, por meio da ação contínua e irreflexa, num mundo degradado e mergulhado no conformismo⁴³. Capitão Vitorino, ante o exposto, pode ser enquadrado como herói problemático, na medida em que tenciona romper com o mandonismo político, confrontando-se com o seu mundo, a partir também da ação e da ideia fixa. Sendo assim, o personagem do romance brasileiro guarda semelhanças muito profundas com os da narrativa espanhola.

Tais heróis do idealismo abstrato, portanto, acabam erigindo um conflito intransponível entre a interioridade e a exterioridade, estabelecendo uma ruptura entre o indivíduo e a sociedade à qual cada um vincula-se. A alma encolhida deles não reflete, o que gera uma contínua atividade. As suas ações, reforçadas pelas suas feições e paramentos, colidem com a realidade, resultando em situações tragicômicas. Entretanto, corajosamente enfrentam os obstáculos criados, pois a ideia fixa funciona como uma blindagem, possibilitando, assim, que continuem, mesmo que inocuamente e a despeito da perseguição dos inimigos (“encantados” ou “sólidos”), lutando para efetivar os seus projetos. A loucura, que tem como inspiração, quer

42 José Lins do Rego, p. 350.

43 Georg Lukács, p. 107.

seja elementos do passado e/ou do futuro, faz com que eles recriem o seu mundo, no mais puro “deslumbramento demoníaco”⁴⁴.

Referências

ALMEIDA, José Maurício Gomes de. *A tradição regionalista no romance brasileiro (1857-1945)*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.

CANDIDO, Antonio. Um romancista em decadência. In: COUTINHO, Eduardo F. e CASTRO, Ângela Bezerra (Orgs). *José Lins do Rego*. Rio de Janeiro; João Pessoa: Civilização Brasileira: FUNESC, 1991.

CERVANTES, Miguel de. *Don Quijote de la Mancha*. Edición del IV Centenario. Real Academia Española/ Asociación de Academias de la Lengua Española. Edición y notas de Francisco Rico. São Paulo: Alfaguara, 2004.

COUTINHO, Eduardo F. A relação arte/realidade em Fogo Morto. In: COUTINHO, Eduardo F. e CASTRO, Ângela Bezerra (Orgs). *José Lins do Rego*. Rio de Janeiro; João Pessoa: Civilização Brasileira: FUNESC, 1991.

FERREIRA, Edda Arzúa. *Integração de perspectivas: contribuição para uma análise das personagens de ficção*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1975.

LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas cidades: 34, 2000.

REGO, José Lins do. *Fogo morto*. 57ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

WATT, Ian. *Mitos do individualismo moderno: Fausto, Dom Quixote, Dom Juan, Robinson Crusoe*. Trad. Mario Pontes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

RECEBIDO EM 20-05-2017

APROVADO EM 02-06-2017

44 Georg Lukács, p. 100.